

**ença de  
queirós**

**A**

**RE**

**textos informativos:  
fátima mesquita**

**LI**

**QUITA**

2ª impressão



© Panda Books

Diretor editorial  
*Marcelo Duarte*

Projeto gráfico e capa  
*Casa Rex*

p. 205: © *Oks Mit/iStock*  
p. 225: © *Ruff Tuff Cream Puff/CC0*

Diretora comercial  
*Patth Pachas*

Diagramação  
*Vanessa Sayuri Sawada*

Notas  
*Fátima Mesquita*

Diretora de projetos especiais  
*Tatiana Fulas*

Fotos  
p. 24: © *Minerva Studio/iStock*  
p. 25 e 184: © *Panda Books*  
p. 63: © *ClipGround*  
p. 77 e 183: © *Domínio público*  
p. 85: © *François Gérard/domínio público*  
p. 116: © *Zeynel Cebeci/CC BY-SA 4.0*  
p. 118: © *Andreas Trepte/CC BY-SA 2.5*  
p. 195: © *Digigalos/CC BY-SA 4.0*

Estabelecimento de texto  
*Ronald Polito*

Coordenadora editorial  
*Vanessa Sayuri Sawada*

Revisão  
*Melissa Rodriguez Leite*  
*Renata Carreto*

Assistente editorial  
*Olivia Tavares*

Impressão  
*Corprint*

Este livro foi estabelecido com base na primeira edição, de 1887,  
publicada por Tip. de A. J. da Silva Teixeira, Porto, Portugal.

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Queirós, Eça de, 1845-1900  
A relíquia / Eça de Queirós. – 1. ed. – São Paulo: Panda  
Books, 2019. 288 p.

ISBN: 978-85-7888-722-3

1. Romance português. I. Título.  
Bibliotecária: Leandra Felix da Cruz – CRB-7/6135

18-47086

CDD: 869.93  
CDU: 821.134.3(81)-3

2021

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma  
sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é  
crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

## O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

### SAIU MEIO MAL NA LARGADA

As coisas começaram meio tortas para o nosso José Maria de Eça de Queirós. Quando ele nasceu, no finalzinho de novembro de 1845, lá no interior de Portugal, a mãe o deixou para ser criado por uma ama. A certidão de nascimento do guri também saiu sem o nome dela – esse perrengue só foi ajeitado depois dos quarenta anos de idade do sujeito. O rolo era que a mãe dele era de uma família metida a fina que não aprovava o candidato a marido, que era brasileiro e vinha de uma camada social mais baixa.

O casamento dos pombinhos, então, só se desenrolou mesmo quando a avó materna do Ecinha morreu. Naquela altura, o garoto já tinha quatro anos de idade. Mas se engana quem acha que, com o casório, Eça passou a viver com uma família toda fofa feito aquelas de anúncio de margarina. Que nada! O menino cresceu mesmo foi com os avós paternos que tinham alguns criados para cuidar dele. E, assim que possível, eles o despacharam de boa para um colégio interno, de onde o guri saiu só quando fez 16 anos.

Do internato, nosso autor foi direto para a Universidade de Coimbra. Lá, seguindo os passos do pai, estudou direito. O rapaz chegou até a montar um escritório de advocacia depois de formado, mas assim que deu ele mudou de carreira e se tornou um diplomata.

Ainda na facul, Eça virou amigo de uns parças interessados em fazer literatura e começou a publicar seus escritos em jornais e revistas de Portugal e também do Brasil. Nosso autor até fundou umas duas publicações, mas foi a diplomacia que, de fato, sustentou o cara ao longo de sua vida.

## **COM O PÉ NESTE MUNDÃO DOIDO E GRANDE**

Uma coisa que marcou demais a vida do Eça foi uma viagem ao Oriente que ele fez entre outubro de 1869 e janeiro do ano seguinte em companhia de um amigo, Luís de Castro, que depois virou seu cunhado. Luís era irmão de Emília, com quem Eça se casou em Paris, quando ele já era um quarentão. O casal teve quatro filhos. Mas, voltando ao rolezinho dele lá pelas bandas do Egito, foi dela que veio um monte de inspiração e dados que pipocam aqui neste livro.

Além disso, Eça passou outras longas temporadas longe de Portugal. Por conta de seu trabalho como diplomata, morou em Cuba, na Inglaterra e na França.

Em 1875, escreveu sua primeira novela realista, *O crime do padre Amaro*. Depois, foi a vez de *Os maias*, que foi bolado enquanto ele já trampava na Inglaterra. E aí veio *O mandarim*, escrito em Paris. Foi também na França que Eça morreu, no dia 16 de agosto de 1900. Hoje seus livros estão em quase toda parte do mundo, tendo sido traduzidos para mais de vinte idiomas.

## DANDO A REAL

O Realismo foi um movimento, uma nova levada que surgiu na literatura da segunda metade do século XIX e que se opunha à fase literária anterior, que era o Romantismo. No Realismo, os escritores davam a real das coisas. A treta deles era observar e analisar o mundo tal como ele se apresentava e, depois, passar isso tudo direitinho para o papel.

Autores realistas adoravam meter ciência no meio das coisas e curtiam dissecar mais o ambiente social que a natureza. Eles também não eram chegados a fru-fru. O amor para eles era menos suspiros e palpitações e muito mais um desejo do corpo e/ou um jogo de aparências sociais, por exemplo. Na literatura deles não havia espaço para ninguém posar de herói. Suas descrições falavam de coisas fedidas, quebradas e sujas. De gente normal, com verruga no nariz, espinha na testa, gulosa, barriguda, que mentia, que tinha defeitos.

Satírico, crítico, implacável e muitas vezes genial, Eça causou polêmica no Portugal caretão daquela época. A Igreja Católica, em especial, vivia descendo o sarrafo nele. Governantes e até a intelectualidade tradicional também faziam biquinho de “não curti” para os seus textos. Mas a verdade é que o público gostava e, por isso, a obra dele resistiu ao tempo. Tanto que, ainda agora, quase duzentos anos depois, cá estamos nós falando dele, né não?

## EÇA É BOA!

Antes de você folhear este livro, ler umas sentenças aqui e acolá e ir comer uma tigelada de açaí com granola pra fortificar a sua má vontade de virar a página, deixa eu contar logo um segredo pra essa sua orelha fria: este livro aqui é sobre desejo, tesão, sexo, rala e rola misturado com aquela coisa falsiane que existia e que ainda insiste em existir, que é gente que banca o santo, a santa, só da boca pra fora, porque no fundo é tudinho hipócrita até o talo. É também sobre essa mentalidade chata que cria, sustenta e dá permissão pra existir umas coisas sem pé nem cabeça, como relíquias, talismãs, (podres) poderes e ticubum tatatá.

Em outras palavras, o livro é massa. O que ele tem de complicado é que não foi escrito na nossa língua, no idioma que

usamos hoje em dia. Ele foi todinho feito em português de Portugal, que é diferente do nosso num nível tipo atômico elevado à décima potência. E mais: foi escrito há mais de um século pra trás desse de agora. Então, as gírias são outras, né? Não tem zap-zap, não tem selfie, não tem funk. É outro balaio.

Mas se você se permitir entrar numa Tardis tipo *Doctor Who* e me acompanhar nesta doida viagem no tempo, vai descobrir como esse Eça de Queirós era um sujeito crítico, engraçado e corajoso – sim, porque tem que ter coragem pra mais de metro para, no meio de um país super-religioso, catolicão no volume máximo, escrever um livro que tira a maior onda em cima da hipocrisia de uma sociedade que é tipo “Por fora, que bela obra. Por dentro, pão bolorento”. Então, bote aí esse filtro do Insta na sua leitura e vem comigo conhecer esse Eça.

Se você não cismar de sofrer com a língua que é, claro, diferente do português que a gente usa hoje em dia, você vai se divertir com a malandragem que corre solta nas páginas deste livro e com o erotismo bem ousado para a época. E pra te dar uma mãozinha extra, a gente ainda lotou o texto de **explicações** e **links** bem espertos pra sua leitura ficar ainda mais suave e tranquila. Você vai ver que esta história, escrita há mais de 120 anos, tem tudo a ver com a nossa sociedade de hoje. Então, deixa o bode de lado, desamarra essa tromba de quem está sendo obrigado a ler um livro e tente curtir, na boa, o que tem de engraçado e interessante nesta trama.

Vale a pena tentar!

Fátima Mesquita

 Fotos para contextualizar a cena.

 Sugestões de pesquisa na internet.

 Comentários curtos e curiosidades.

 Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

# SUMÁRIO

Prefácio	12
I	17
II	75
III	128
IV	218
V	238

Sobre a nudez forte da  
Verdade – o manto diáfano da Fantasia.



# PREFÁCIO

**8** O Campo de Santana hoje é chamado de Campo dos Mártires da Pátria e fica na freguesia de Arroios, em Lisboa, Portugal.

Romagem: romaria, peregrinação.

Nizam, Nisan ou Nissan é um mês do calendário judaico. Diferentes culturas usam diferentes calendários. E mesmo a cultura cristã que nos rodeia já teve um punhadinho deles. Este que usamos hoje em dia é o calendário gregoriano, assim chamado porque foi decretado por um papa de nome Gregório, em 1582.

Pôncio Pilatos é o romano que na Bíblia mandou crucificar Jesus. Era tipo um governador que também era um procurador e foi o mandachuva na invasão cruel a uma área cheia de judeus.

Durante a ocupação romana da região, o maior líder religioso dos judeus foi José Caifás, que estava pra lá de aborrecido com a pregação de Jesus, que ia contra um monte de coisas da religião judaica. Caifás, então, botou lenha na fogueira para convencer Pôncio a decretar a pena de morte a Jesus.

Decidi compor, nos vagares deste verão, na minha quinta do *Mosteiro* (antigo solar dos condes de Lindoso), as memórias da minha Vida – que neste século, tão consumido pelas incertezas da Inteligência e tão angustiado pelos tormentos do Dinheiro, encerra, penso eu e pensa meu cunhado Crispim, uma lição lúcida e forte.

Em 1875, nas vésperas de Santo Antão, uma desilusão de incomparável amargura abalou o meu ser; por esse tempo minha tia D. Patrocínio das Neves mandou-me do **Campo de Santana**, onde morávamos, em **romagem** a Jerusalém: dentro dessas santas muralhas, num dia abrasado do mês de **Nizam**, sendo **Pôncio Pilatos** procurador da Judeia, Élio Lama legado imperial da Síria e **I. Caifás** Sumo Pontífice, testemunhei,



miraculosamente, escandalosos sucessos; depois voltei – e uma grande mudança se fez nos meus bens e na minha moral.

São estes casos – espaçados e altos numa existência de bacharel como, em campo de erva ceifada, fortes e ramalhosos sobreiros cheios de sol e murmúrio – que quero traçar, com sobriedade e com sinceridade, enquanto no meu telhado voam as andorinhas, e as moitas de cravos vermelhos perfumam o meu pomar.

Esta jornada à terra do Egito e à Palestina permanecerá sempre como a glória superior da minha carreira; e bem desejaria que dela ficasse nas letras, para a posteridade, um monumento airoso e maciço. Mas hoje, escrevendo por motivos peculiarmente espirituais, pretendi que as páginas íntimas em que a relembro se não assemelhassem a um *Guia pitoresco do Oriente*. Por isso (apesar das solicitações da vaidade), suprimi neste manuscrito suculentas, resplandecentes narrativas de Ruínas e de Costumes...

De resto esse país do Evangelho, que tanto fascina a humanidade sensível, é bem menos interessante que o meu seco e paterno **Alentejo**: nem me parece que as terras favorecidas por uma presença Messiânica ganhem jamais em graça ou esplendor. Nunca me foi dado percorrer os Lugares Santos da Índia em que o **Buda** viveu – arvores de Migadaia, **outeiros** de Veluvana, ou esse doce vale

**Alentejo** é a maior região de Portugal e fica no centro-sul do país.

*Sidarta nasceu numa parte da Índia que é hoje o Nepal. Era rico, casado e tinha um filho pequeno quando se sentiu inspirado a encontrar um jeito novo de lidar com algumas questões espirituais. Ele desenvolveu, então, uma filosofia de vida que virou religião e mudou seu nome pra Buda, que quer dizer "o iluminado".*

**Outeiro** é a parte mais alta de um terreno, morro.

Maomé era um comerciante nascido em Meca, na Árabia Saudita de hoje, que, aos quarenta anos, disse ter recebido revelações do mesmo anjo Gabriel da Bíblia. As dicas do anjo fizeram com que ele escrevesse o Alcorão, que é o livro sagrado dos muçulmanos.

Enternecimento: dó, compaixão.

Acaçapado: escondido.

Peco: pequeno, definhado.

8 Lima é um rio que nasce na Espanha, passa por Portugal e desemboca no Oceano Atlântico.

E Amieiro é uma árvore bem comum em Portugal.

E "Todavia vede!" nada mais é que "Veja você!"

Rutilante: brilhante.

Anelar: querer muito.

Nos antigamentes, um jeito de imprimir um livro era usando uma folha dobrada em quatro (no latim, in quarto). A dobra criava, então, uma unidade de oito páginas que era costurada a outras unidades de oito até formar um livro.

de Rajágria por onde se alongavam os olhos adoráveis do Mestre perfeito quando um fogo rebentou nos juncais, e Ele ensinou, em singela parábola, como a Ignorância é uma fogueira que devora o homem – alimentada pelas enganosas sensações de Vida que os sentidos recebem das enganosas aparências do mundo. Também não visitei a caverna d'Hira, nem os devotos areais entre Meca e Medina que tantas vezes trilhou **Maomé**, o Profeta Excelente, lento e pensativo sobre o seu dromedário. Mas, desde as figueiras de Betânia até as águas caladas de Galileia, conheço bem os sítios onde habitou esse outro Intermediário divino, cheio de **enternecimento** e de sonhos, a quem chamamos Jesus Nosso Senhor: – e só neles achei bruteza, secura, sordidez, solidade e entulho.

Jerusalém é uma vila turca, com vielas andrajosas, **acaçapada** entre muralhas cor de lodo, e fedendo ao sol sob o badalar de sinos tristes.

O Jordão, fio de água barrento e **peco** que se arrasta entre areais, nem pode ser comparado a esse claro e suave **Lima** que lá baixo, ao fundo do *Mosteiro*, banha as raízes dos meus **amieiros**: e **todavia vede!** estas meigas águas portuguesas não correram jamais entre os joelhos dum Messias, nem jamais as roçaram as asas dos anjos, armados e **rutilantes**, trazendo do céu à terra as ameaças do Altíssimo!

Entretanto, como há espíritos insaciáveis que, lendo duma jornada pelas terras da Escritura, **anelam** conhecer desde o tamanho das pedras até o preço da cerveja – eu recomendo a obra copiosa e luminosa do meu companheiro de romagem, o alemão Topsius, doutor pela Universidade de Bonn e membro do *Instituto Imperial de Escavações Históricas*. São sete volumes **in quarto**, atochados, impressos em Leipzig, com este título fino e profundo – JERUSALÉM PASSEADA E COMENTADA.

Em cada página desse sólido itinerário o douto Topsius fala de mim, com admiração e

com saudade. Denomina-me sempre o *ilustre fidalgo lusitano*; e a fidalguia do seu camarada, que ele faz remontar aos Barcas, enche manifestamente o erudito plebeu de delicioso orgulho. Além disso o esclarecido Topsisius aproveita-me, através desses repletos volumes, para pendurar, ficticiamente, nos meus lábios e no meu crânio, dizeres e juízos enopados de beata e babosa credulidade – que ele logo rebate

e **derroca** com sagacidade e **facúndia**! Diz, por exemplo: – “Diante de tal ruína, do tempo da **Cruzada de Godofredo**, o ilustre fidalgo lusitano pretendia que Nosso Senhor, indo um dia com a Santa Verônica...” – E logo alastra a tremenda, **túrgida** argumentação com que me **deliu**. Como porém as **arengas** que me atribui não são inferiores em sábio chorume e arrogância teológica às de Bossuet, eu não denunciei numa nota à *Gazeta de Colônia* – por que tortuoso artifício a afiada razão da Germânia se enfeita assim de triunfos, sobre a romba fé do Meio-Dia.

Há porém um ponto de JERUSALÉM PASSEADA que não posso deixar sem enérgica contestação. É quando o doutíssimo Topsisius alude a dois embrulhos de papel, que me acompanharam e me ocuparam, na minha peregrinação, desde as vielas de Alexandria até as quebradas do Carmelo. Naquela forma rotunda que caracteriza a sua eloquência universitária, o dr. Topsisius diz: “O ilustre fidalgo lusitano transportava ali restos dos seus antepassados, recolhidos por ele, antes de deixar o solo sacro da pátria, no seu velho solar torreado!...” Maneira de dizer singularmente falaz e censurável! Porque faz supor à Alemanha erudita que eu viajava pelas terras do Evangelho – trazendo embrulhados num papel pardo os ossos dos meus avós!

Nenhuma outra imputação me poderia tanto desaprazer e **desconvir**. Não por me denunciar à Igreja como um profanador leviano de sepulturas domésticas: menos me pesam a mim, comendador e proprietário, as fulminações da Igreja – que as folhas secas que às vezes caem sobre o meu guarda-sol de cima dum ramo morto; nem realmente a Igreja, depois de ter embolsado os seus **emolumentos** por enterrar

Derrocar: pôr abaixo, derrubar.

Facúndia: eloquência.

Há quase mil anos, os cristãos decidiram invadir o mundo muçulmano puxando uma briga que virou duzentos anos de guerra. Tudo começou com um comício do papa Urbano II, que convocou o pessoal a ir até Jerusalém expulsar os muçulmanos de lá. Godofredo de Bulhões foi um dos empolgados. O cara vendeu seu castelo na França e se picou pra batalha junto com seus irmãos e primos. E até que se deu bem: por um tempo, Fredo foi o mandachuva de um tal de Reino de Jerusalém.

Túrgido: perfeito.

Delir: apagar, se desfazer.

Arenga: conversa, discurso.

Desconvir: desagradar, discordar.

Emolumento: lucro, dinheiro.

Alacridade: grande  
alegria, animação.

Avoengo: herança.

Teso: rígido, firme.

Pudico: recatado,  
casto, com pudor.

um molho d'ossos, se importa que eles para sempre jazam resguardados sob a rígida paz dum mármore eterno, ou que andem chocalhados nas dobras moles dum papel pardo. Mas a afirmação de Topsisius desacredita-me perante a Burguesia Liberal: – e só da Burguesia Liberal, onipresente e onipotente, se alcançam, nestes tempos de semitismo e de capitalismo, as coisas boas da vida, desde os empregos nos bancos até as comendas da Conceição. Eu tenho filhos, tenho ambições. Ora, a Burguesia Liberal aprecia, recolhe, assimila com **alacridade** um cavalheiro ornado de **avoengos** e solares: é o vinho precioso e velho que vai apurar o vinho novo e cru: mas com razão detesta o bacharel, filho d'algo, que passeie por diante dela, enfunado e **teso**, com as mãos carregadas de ossos de antepassados – como um sarcasmo mudo aos antepassados e aos ossos que a ela lhe faltam.

Por isso, intimo o meu douto Topsisius (que com os seus penetrantes óculos viu formar os meus embrulhos, já na terra do Egito, já na terra de Canaã) a que na edição segunda de JERUSALÉM PASSEADA, sacudindo **pudicos** escrúpulos de Acadêmico e estreitos desdêns de Filósofo, divulgue à Alemanha científica e à Alemanha sentimental qual era o recheio que continham esses papéis pardos – tão francamente como eu o revelo aos meus concidadãos nestas páginas de repouso e de férias, onde a Realidade sempre vive, ora embaraçada e tropeçando nas pesadas roupagens da História, ora mais livre e saltando sob a caraça vistosa da Farsa!

# I

**Meu avô foi o padre Rufino da Conceição, licenciado em teologia, autor de uma devota *Vida de Santa Filomena*, e prior da Amendoeirinha. Meu pai, afilhado de Nossa Senhora da Assunção, chamava-se Rufino da Assunção Raposo – e vivia em Évora com minha avó, Filomena Raposo, por **alcunha** a “Repolhuda”, doceira na rua do Lagar dos Dízimos. O papá tinha um emprego no correio, e escrevia por gosto no *Farol do Alentejo*.**

Em 1853, um eclesiástico ilustre, D. Gaspar de Lorena, bispo de Corazim (que é em Galileia), veio passar o **São João a Évora**, a casa do cônego Pita, onde o papá muitas vezes à noite costumava ir tocar violão. Por cortesia com os dois sacerdotes, o papá publicou no *Farol* uma crônica, laboriosamente respigada no **Pecúlio de Pregadores**, felicitando Évora “pela dita d’abrigar em seus muros o insigne **prelado** D. Gaspar, **lume** fulgente da Igreja, e preclaríssima torre de santidade”. O bispo de Corazim recortou este pedaço do *Farol* para o meter entre as folhas do seu

**Alcunha:** apelido.

**E** D. Gaspar foi visitar a cidade de Évora, cerca de 150 quilômetros de Lisboa, em junho, na época da celebração da festa de São João.

**Pecúlio:** dinheiro economizado, pé de meia.

**Prelado:** oficial da Igreja.

**Lume:** brilho, clarão, fogo.

**B** Breviário é o livro de orações dos padres.

Asseio: limpeza.

Roupa branca: roupa de dormir, íntima.

As palavras muitas vezes mudam de cara e de forma. "Xácara", por exemplo, hoje em dia é escrita assim, ó: "chácara". E quer dizer sítio. Já aqui, a "xácara do conde Ordonho" é uma referência ao título de uma música que o pai do narrador estava tocando.

Madraçaria: vida desocupada, malandragem.

**E** O que chamamos por aqui de sítio ou chácara, os portugueses chamam de quinta.

Rojar: arrastar.

Outro caso de palavra que resolveu mudar de cara com o tempo: "titi" é o mesmo que "titia", "tia".

Regaço: colo.

**Breviário**; e tudo no papá lhe começou a agradar, até o **asseio** da sua **roupa branca**, até a graça chorosa com que ele cantava, acompanhando-se no violão, a **xácara** do conde Ordonho. Mas quando soube que este Rufino da Conceição, tão moreno e simpático, era o afillhado carnal do seu velho Rufino da Conceição, camarada de estudos no bom seminário de S. José e nas veredas teológicas da Universidade, a sua afeição pelo papá tornou-se extremosa. Antes de partir de Évora deu-lhe um relógio de prata; e, por influência dele, o papá, depois de arrastar alguns meses a sua **madracharia** pela alfândega do Porto, como aspirante, foi nomeado, escandalosamente, diretor da alfândega de Viana.

As macieiras cobriam-se de flor quando o papá chegou às veigas suaves d'Entre-Minho-e-Lima; e logo nesse julho conheceu um cavalheiro de Lisboa, o comendador G. Godinho, que estava passando o verão com duas sobrinhas, junto ao rio, numa **quinta** chamada o *Mosteiro*, antigo solar dos condes de Lindoso. A mais velha destas senhoras, D. Maria do Patrocínio, usava óculos escuros, e vinha todas as manhãs da quinta à cidade, num burrinho, com o criado de farda, ouvir missa a Santana. A outra, D. Rosa, gordinha e trigueira, tocava harpa, sabia de cor os versos do *Amor e melancolia*, e passava horas à beira da água, entre a sombra dos amieiros, **rojando** o vestido branco pelas relvas, a fazer raminhos silvestres.

O papá começou a frequentar o *Mosteiro*. Um guarda da alfândega levava-lhe o violão; e enquanto o comendador e outro amigo da casa, o Margaride, doutor delegado, se embebiam numa partida de gamão, e D. Maria do Patrocínio rezava em cima do terço – o papá, na varanda, ao lado de D. Rosa, defronte da lua, redonda e branca sobre o rio, fazia gemer no silêncio os bordões e dizia as tristezas do conde Ordonho. Outras vezes jogava ele a partida de gamão: D. Rosa sentava-se então ao pé da **titi**, com uma flor nos cabelos, um livro caído no **regaço**; e o papá, chocalhando os dados, sentia a carícia prometadora dos seus olhos pestanudos.



Casaram. Eu nasci numa tarde de sexta-feira de Paixão; e a mamã morreu, ao estalarem, na manhã alegre, os foguetes da Aleluia. Jaz, coberta de **goivos**, no cemitério de Viana, numa rua junto ao muro, úmida da sombra dos chorões, onde ela gostava de ir passear nas tardes de verão, vestida de branco, com a sua cadelinha felpuda que se chamava **Traviata**.

O comendador e D. Maria não voltaram ao *Mosteiro*. Eu cresci, tive o sarampo; o papá engordava; e o seu violão dormia, esquecido ao canto da sala, dentro dum saco de **baeta** verde. Num julho de grande calor, a minha criada Gervásia vestiu-me o **fato** pesado de veludilho preto; o papá pôs um fumo no chapéu de palha; era o luto do comendador G. Godinho, a quem o papá muitas vezes chamava, por entre dentes, "malandro".

Depois, numa noite de **entrudo**, o papá morreu de repente, com uma **apoplexia**, ao descer a escadaria de pedra da nossa casa, mascarado d'urso, para ir ao baile das senhoras Macedos.

Eu fazia então sete anos; e lembro-me de ter visto, ao outro dia, no nosso pátio, uma senhora alta e gorda, com uma mantilha rica de renda negra, a soluçar diante das manchas de sangue do papá, que ninguém lavara, e já tinham secado nas lajes. À porta uma velha esperava, rezando, encolhida no seu **mantéu de baetilha**.

As janelas da frente da casa foram fechadas; no corredor escuro, sobre um banco, um candeeiro de latão ficou dando a sua luzinha de capela, fumarenta e mortal. Ventava e chovia. Pela vidraça da cozinha, enquanto a Mariana, choramingando, abanava o fogareiro, eu vi passar no largo da Senhora da Agonia, o homem que trazia às costas o caixão do papá. No alto frio do monte a capelinha da Senhora, com a sua cruz negra, parecia mais triste ainda, branca e nua entre os pinheiros, quase a sumir-se na névoa; e adiante, onde estão as rochas, gemia e rolava, sem descontinuar, um grande mar d'inverno.

À noite, no quarto de **engomar**, a minha criada Gervásia sentou-me no chão, embrulhado num saio. De quando em

**G** Groivo é um tipo de flor.

**YouTube** *La Traviata* (1853) é uma ópera escrita por Giuseppe Verdi. Ouça no YouTube.

Baeta: pano, tecido.

Fato: roupa, traje.

Entrudo: Carnaval.

Apoplexia: acidente vascular cerebral (AVC).

Mantéu de baetilha: manta de tecido fino.

Durante muito tempo o pessoal misturava amido de milho com água, fazia um mingau ralo com aquilo, depois metia a peça de roupa no troço e botava pra secar. Depois vinha com o ferro quente e passava o tecido, pra roupa ficar durinha e lisa. Hoje o uso é raro. Mas em Portugal ainda se diz ferro de engomar no lugar de ferro de passar roupa.



Defumar é uma tradição das antigas, é fazer fumaça para melhorar a energia de um lugar.

Choupo: árvore.

Brejeiro: travesso.

Pitar: fumar.

Liteira: espécie de cadeira portátil, carregada por escravos ou animais.

☞ Aqui os machos não são os homens, mas sim cavalos.

☞ O que o português chama de sítio, a gente chama de lugar (ou site, no caso da internet).

Archote: tocha.

Enfiado: desconfiado.

Alumiar: clarear, iluminar.

quando, rangiam no corredor as botas do João, guarda da alfândega, que andava a **defumar** com alfazema. A cozinheira trouxe-me uma fatia de pão de ló. Adormeci: e logo achei-me a caminhar à beira dum rio claro, onde os **choupos**, já muito velhos, pareciam ter uma alma e suspiravam; e ao meu lado ia andando um homem nu, com duas chagas nos pés, e duas chagas nas mãos, que era Jesus, Nosso Senhor.

Passados dias, acordaram-me, numa madrugada em que a janela do meu quarto, batida do sol, resplandecia prodigiosamente como um prenúncio de coisa santa. Ao lado da cama, um sujeito risonho e gordo fazia-me cócegas nos pés com ternura e chamava-me **brejeirote**. A Gervásia disse-me que era o snr. Matias, que me ia levar para muito longe, para casa da tia Patrocínio: e o snr. Matias, com a sua **pitada** suspensa, olhava espantado para as meias rotas que me calçara a Gervásia. Embrulharam-me no xale-manta cinzento do papá; o João, guarda da alfândega, trouxe-me ao colo até à porta da rua, onde estava uma **liteira** com cortinas d'oleado.

Começamos então a caminhar por compridas estradas. Mesmo adormecido, eu sentia as lentas campainhas dos **machos**: e o snr. Matias, defronte de mim, fazia-me de vez em quando uma festinha na cara, e dizia: "Ora cá vamos". Uma tarde, ao escurecer, paramos de repente num **sítio** ermo, onde havia um lamaçal; o liteireiro, furioso, praguejava, sacudindo o **archote** aceso. Em redor, dolente e negro, rumorejava um pinheiral. O snr. Matias, **enfiado**, tirou o relógio da algibeira e escondeu-o no cano da bota.

Uma noite, atravessamos uma cidade onde os candeeiros da rua tinham uma luz jovial, rara e brilhante como eu nunca vira, da forma duma tulipa aberta. Na estalagem em que apeamos, o criado, chamado Gonçalves, conhecia o snr. Matias: e depois de nos trazer os bifes, ficou familiarmente encostado à mesa, de guardanapo ao ombro, contando coisas do snr. barão, e da inglesa do snr. barão. Quando recolhíamos ao quarto, **alumidados** pelo Gonçalves, passou por nós, bruscamente, no corredor, uma senhora, grande e branca, com um rumor forte de sedas claras, espalhando um aroma d'almíscar. Era a ingle-



sa do snr. barão. No meu leito de ferro, desperto pelo barulho das **seges**, eu pensava nela, rezando Ave-Marias. Nunca roçara corpo tão belo, de um perfume tão penetrante: ela era cheia de graça, o Senhor estava com ela, e passava, bendita entre as mulheres, com um rumor de sedas claras...

Depois, partimos num grande **coche** que tinha as armas do rei, e rolava a direito por uma estrada lisa, ao trote forte e pesado de quatro cavalos gordos. O snr. Matias, de chinelas nos pés e tomando a sua pitada, dizia-me, aqui e além, o nome duma povoação aninhada em torno duma velha igreja, na frescura dum vale. Ao entardecer, por vezes, numa encosta, as janelas duma calma vivenda faiscavam com um **fulgor** d'ouro novo. O coche passava; a casa ficava adormecendo entre as árvores; através dos vidros embaciados eu via luzir a estrela de Vênus. Alta noite tocava uma corneta; e entrávamos, atroando as calçadas, numa vila adormecida. Defronte do portão da estalagem moviam-se silenciosamente lanternas **mortiças**. Em cima, numa sala aconchegada, com a mesa cheia de talheres, fumegavam as **terrinas**; os passageiros, arrepiados, bocejavam, tirando as luvas grossas de lã; e eu comia o meu caldo de galinha, **estremunhado** e sem vontade, ao lado do snr. Matias, que conhecia sempre algum moço, perguntava pelo doutor delegado, ou queria saber como iam as obras da câmara.

Enfim, num domingo de manhã, estando a choviscar, chegamos a um casarão, num largo cheio de lama. O snr. Matias disse-me que era Lisboa; e, abafando-me no meu xale-manta, sentou-me num banco, ao fundo duma sala úmida, onde havia bagagens e grandes balanças de ferro. Um sino

**Sege:** carruagem antiga.

**Coche:** carruagem.

**Fulgor:** brilho.

**Mortiço:** fraco.

**T**errina é o nome tradicional de vasilha em que se serve sopa.

**Estremunhado:** com sono.

**E** A “opa” é uma capa usada por gente pertencente a uma fraternidade religiosa da Igreja Católica. Essa aqui no caso é vermelha, ou seja, **escarlate**.

É tipo uma caixinha em que se guardava o dinheiro das contribuições que o povo fazia a uma irmandade da Igreja Católica. Confrarias, fraternidades ou ordens terceiras são associações de leigos – de gente que não é padre, nem freira, nem nada –, que se reúnem para, em geral, promover a fé num santo ou santa.

**Grilhão:** corrente de metal.

**Bioco:** mantilha.

**Frialdade:** frieza.

**E** Não tinha gel na época, né, então algumas pessoas besuntavam o cabelo com azeite para ele ficar todo ajeitado e bem penteadinho.

**Repenicado:** ruidoso, estalado.

lento tocava à missa; diante da porta passou uma companhia de soldados, com as armas sob as capas d’oleado. Um homem carregou os nossos baús, entramos numa sege, eu adormeci sobre o ombro do snr. Matias. Quando ele me pôs no chão, estávamos num pátio triste, lajeado de pedrinha miúda, com assentos pintados de preto; e na escada uma moça gorda cochichava com um homem **d’opa escarlate**, que trazia ao colo o **mealheiro** das almas.

Era a Vicência, a criada da tia Patrocínio. O snr. Manas subiu os degraus conversando com ela, e levando-me ternamente pela mão. Numa sala forrada de papel escuro, encontramos uma senhora muito alta, muito seca, vestida de preto, com um **grilhão** d’ouro no peito; um lenço roxo, amarrado no queixo, caía-lhe num **bioco** lúgubre sobre a testa; e no fundo dessa sombra negrejavam dois óculos defumados.

Por trás dela, na parede, uma imagem de Nossa Senhora das Dores olhava para mim, com o peito trespassado d’espadas.

– Esta é a titi, disse-me o Senhor Matias. – É necessário gostar muito da titi... É necessário dizer sempre que *sim* à titi!

Lentamente, a custo, ela baixou o carão chupado e esverdinhado. Eu senti um beijo vago, duma **frialdade** de pedra; e logo a titi recuou, enojada.

– Credo, Vicência! Que horror! Acho que lhe puseram **azeite** no cabelo!

Assustado, com o beicinho já a tremer, ergui os olhos para ela, murmurei:

– Sim, titi.

Então o snr. Matias gabou o meu gênio, o meu propósito na liteira, a limpeza com que eu comia a minha sopa à mesa das estalagens.

– Está bem, rosnou a titi secamente. Era o que faltava, portar-se mal, sabendo o que eu faço por ele... Vá, Vicência, leve-o lá para dentro... Lave-lhe essa ramela, veja se ele sabe fazer o sinal da cruz...

O snr. Matias deu-me dois beijos **repenicados**. A Vicência levou-me para a cozinha.

À noite vestiram-me o meu fato de veludilho; e a Vivência, séria, d'avental lavado, trouxe-me pela mão a uma sala em que pendiam cortinas de **damasco** escarlate, e os pés das mesas eram dourados como as colunas dum altar. A titi estava sentada no meio do canapé, vestida de seda preta, toucada de rendas pretas, com os dedos resplandecentes de anéis. Ao lado, em cadeiras também douradas, conversavam dois eclesiásticos. Um, risonho e **nédio**, de cabelinho encaracolado e já branco, abriu os braços para mim, paternalmente. O outro, moreno e triste, rosou só "boas-noites". E da mesa, onde folheava um grande livro de estampas, um homenzinho, de cara rapada e colarinhos enormes, cumprimentou, **atarantado**, deixando escorregar a **luneta** do nariz.

Cada um deles vagorosamente me deu um beijo. O padre triste perguntou-me o meu nome, que eu pronunciava *Tedrico*. O outro, **amorável**, mostrando os dentes frescos, aconselhou-me que separasse as sílabas e dissesse *Te-o-do-ri-co*. Depois acharam-me parecido com a mamã, nos olhos. A titi suspirou, deu louvores a Nosso Senhor de que eu não tinha nada do Raposo. E o sujeito de grandes colarinhos fechou o livro, fechou a luneta, e timidamente quis saber se eu trazia saudades de Viana. Eu murmurei, atordoado:

– Sim, titi.

Então o padre mais idoso e nédio chegou-me para os joelhos, recomendou-me que fosse temente a Deus, quietinho em casa, sempre obediente à titi...

– O Teodorico não tem ninguém senão a titi... É necessário dizer sempre que *sim* à titi...

Eu repeti, encolhido:

– Sim, titi.

A titi, severamente, mandou-me tirar o dedo da boca. Depois disse-me que voltasse para a cozinha, para a Vicência, sempre a seguir pelo corredor...

– E quando passar pelo oratório, onde está a luz e a cortina verde, ajoelhe, faça o seu sinalzinho da cruz...

Não fiz o sinal da cruz. Mas entreabri a cortina; e o oratório da titi deslumbrou-me, prodigiosamente. Era todo reves-

**D**amasco é um tecido de seda bordado, originário da cidade de Damasco, na Síria.

**N**édio é quem tem a pele oleosa, brilhante.

Atarantado: des-norteadado, confuso.



Luneta

Amorável: afável, carinhoso.

Broquel: escudo  
pequeno e redondo.

Cavado: afundado.

Alcova: quarto  
pequeno.

Camisa aqui quer  
dizer camisola, pijama.



**f** Pena de aço era  
o nome dado à caneta  
tinteiro cuja ponta feita  
de aço era fincada em  
uma haste de madeira.

tido de seda roxa, com painéis enternecedores em caixilhos floridos, contando os trabalhos do Senhor; as rendas da toalha do altar roçavam o chão tapetado; os santos de marfim e de madeira, com auréolas lustrosas, viviam num bosque de violetas e de camélias vermelhas. A luz das velas de cera fazia brilhar duas salvas nobres de prata, encostadas à parede, em repouso, como **broquéis** de santidade; e erguido na sua cruz de pau-preto, sob um dossel, Nosso Senhor Jesus Cristo era todo d'ouro, e reluzia.

Cheguei-me devagar até junto da almofada de veludo verde, pousada diante do altar, **cavada** pelos piedosos joelhos da titi. Ergui para Jesus crucificado os meus lindos olhos negros. E fiquei pensando que no céu os anjos, os santos, Nossa Senhora e o Pai de todos, deviam ser assim, de ouro, cravejados talvez de pedras: o seu brilho formava a luz do dia; e as estrelas eram os pontos mais vivos do metal precioso, transparecendo através dos véus negros, em que os embrulhava à noite, para dormirem, o carinho beato dos homens.

Depois do chá, a Vicência foi-me deitar numa **alcovinha** pegada ao seu quarto. Fez-me ajoelhar em **camisa**, juntou-me as mãos, ergueu-me a face para o céu. E ditou os Padre-Nossos que me cumpria rezar pela saúde da titi, pelo repouso da mamã, e por alma dum comendador que fora muito bom, muito santo, e muito rico, e que se chamava Godinho.

**Apenas completei nove anos, a titi mandou-me fazer camisas, um fato de pano preto, e colocou-me, como interno, no colégio dos Isidoros, então em Santa Isabel.**

Logo nas primeiras semanas liguei-me ternamente com um rapaz Crispim, mais crescido que eu, filho da firma Teles, Crispim & Ca., donos da fábrica de fiação à Pampulha. O Crispim ajudava à missa aos domingos; e, de joelhos, com os seus cabelos compridos e louros, lembrava a suavidade dum anjo. Às vezes agarrava-me no corredor e marcava-me a face, que eu tinha feminina e macia, com beijos devoradores; à noite, na sala d'estudo, à mesa onde folheávamos os sonolentos dicionários, passava-me bilhetinhos a lápis chamando-me seu *ido-latrado* e prometendo-me caixinhas de **penas d'aço**...

À quinta-feira era o desagradável dia de lavarmos os pés. E três vezes por semana o sebento Padre Soares vinha, de palito na boca, interrogar-nos em doutrina e contar-nos a vida do Senhor.

– Ora, depois pegaram, e levaram-no **de rastos** a casa de Caifás... Olá, o da pontinha do banco, quem era Caifás?... Emende! Emende adiante!... Também não! Irra, cabeçudos! Era um judeu e dos piores... Ora diz que, lá num sítio muito feio da Judeia, há uma árvore toda d'espinhos, que é mesmo de arrepiar...

A sineta do recreio tocava; todos, a um tempo e d'estalo, fechávamos a cartilha.

O tristonho pátio de recreio, areado com **saibro**, cheirava mal por causa da vizinhança das **latrinas**; e o **regalo** para os mais crescidos era tirar uma fumaça do cigarro, às escondidas, numa sala térrea onde aos domingos o mestre de dança, o velho Cavinetti, frisado e de sapatinhos decotados, nos ensinava **mazurcas**.

Cada mês a Vicência, de capote e lenço, me vinha buscar depois da missa, para ir passar um domingo com a titi. Isidoro Júnior, antes de eu sair, examinava-me sempre os ouvidos e as unhas; muitas vezes, mesmo na bacia dele, dava-me uma ensaboada furiosa, chamando-me baixo *sebento*. Depois trazia-me até à porta, fazia-me uma carícia, tratava-me de seu *querido amiguinho*, e mandava pela Vicência os seus respeitos a snra. D. Patrocínio das Neves.

Nós morávamos no Campo de Santana. Ao descer o **Chiado**, eu parava numa loja de estampas diante do lânguido quadro duma mulher loura, com os peitos nus, recostada numa pele de tigre, e sustentando na ponta dos dedos, mais finos que os do Crispim, um pesado fio de pérolas. A claridade daquela nudez fazia-me pensar na inglesa do snr. barão: e esse aroma, que tanto me perturbara no corredor da estalagem, respirava-o outra vez, finamente espalhado, na rua cheia de sol, pelas sedas das senhoras que subiam para a missa do **Loreto**, espartilhadas e graves.

De rastos:  
de joelhos.

Saibro: mistura de  
argila, areia e pedra.

Latrina: banheiro.

Regalo: presente.

YouTube Mazurca é um ritmo  
de música polonês. Veja  
a dança no YouTube.

8 Chiado é um dos  
bairros mais tradi-  
cionais de Lisboa.

f A Igreja do  
Loreto fica no  
bairro de Chiado.





A titi, em casa, estendia-me a mão a beijar; e toda a manhã eu ficava folheando volumes do *Panorama Universal*, na saleta dela, onde havia um sofá de riscadinho, um armário rico de pau-preto, e litografias coloridas, com ternas passagens da vida puríssima do seu favorito santo, o patriarca S. José. A titi, de lenço roxo carregado para a testa, sentada à janela por dentro dos vidros, com os pés embrulhados numa manta, examinava solicitamente um grande caderno de contas.

**E** Rapé é o tabaco torrado e moído.

Às três horas enrolava o caderno; e de dentro da sombra do lenço começava a perguntar-me doutrina. Dizendo o *Credo*, desfiando os *Mandamentos*, com os olhos baixos, eu sentia o seu cheiro acre e adocicado a rapé e a formiga.

Apesar de o português usar muita coisa do latim, há também umas diferenças bem interessantes entre os dois idiomas. O latim, por exemplo, tem um troço que é o genitivo, que indica posse. "Árvore" pra eles é *arbor*. Quando querem dizer que alguma coisa é "da árvore", eles falam *arboris*. "A fruta da árvore" vira "a fruta *arboris*". Eles não usam o "da" para indicar a posse literal da palavra original. É isso que o padre Casimiro está verificando, se o narrador sabe os genitivos todos de cor.

Aos domingos vinham jantar conosco os dois eclesiásticos. O de cabelinho encaracolado era o padre Casimiro, procurador da titi: dava-me abraços risonhos; convidava-me a declinar ***arbor, arboris, currus, curri***; proclamava-me com afeto "talentaço". E o outro eclesiástico elogiava o colégio dos Isidoros, formosíssimo estabelecimento de educação, como não havia nem na Bélgica. Esse chamava-se padre Pinheiro. Cada vez me parecia mais moreno, mais triste. Sempre que passava por diante dum espelho, deitava a língua de fora, e ali se esquecia a esticá-la, a estudá-la, desconfiado e aterrado.

Ao jantar o padre Casimiro gostava de ver o meu apetite.

– Vai mais um bocadinho de **vitelinha guisada**? Rapazes querem-se alegres e bem comidos!...

E padre Pinheiro, palpando o estômago:

– Felizes idades! Felizes idades em que se repete a vitela!

Ele e a titi falavam então de doenças. Padre Casimiro, co-radinho, com o guardanapo atado ao pescoço, o prato cheio, o copo cheio, sorria beatificamente.

Quando, na praça, entre as árvores, começavam a luzir os candeeiros de gás, a Vicência punha o seu xale velho de

**E** Quando se cozinha uma carne em fogo baixo com pouco líquido e em panela fechada, o resultado é chamado de guisado. Aqui, no caso, foi uma carne de bezerro (vitela) que passou pelo processo.

xadrez e ia levar-me ao colégio. A essa hora, nos domingos, chegava o sujeitinho de cara rapada e vastos colarinhos, que era o snr. José Justino, secretário da confraria de S. José, e tabelião da titi, com cartório a S. Paulo. No pátio, tirando já o seu paletó, fazia-me uma festa no queixo, e perguntava à Vicência pela saúde da snra. D. Patrocínio. Subia; nós fechávamos o pesado portão. E eu respirava consoladamente – porque me entristecia aquele casarão com os seus damascos vermelhos, os santos inumeráveis, e o cheirinho a capela.

Pelo caminho a Vicência falava-me da titi, que a trouxera, havia seis anos, da **Misericórdia**. Assim eu fui sabendo que ela **padecia** do fígado, tinha sempre muito dinheiro em ouro numa bolsa de seda verde, e o comendador Godinho, tio dela e da minha mamã, deixara-lhe duzentos **contos** em prédios, em papéis, e a quinta do *Mosteiro* ao pé de Viana, e pratos e louças da Índia... Que rica que era a titi! Era necessário ser bom, agradecer sempre à titi!

À porta do colégio a Vicência dizia “Adeus, amorzinho”, e dava-me um grande beijo. Muitas vezes, de noite, abraçado ao travesseiro, eu pensava na Vicência, e nos braços que lhe vira arregaçados, gordos e brancos como leite. E assim foi nascendo no meu coração, pudicamente, uma paixão pela Vicência. Um dia, um rapaz já de buço chamou-me no recreio **lambisgoia**. Desafiei-o para as latrinas, ensanguentei-lhe lá a face toda, com um murro bestial. Fui temido. Fumei cigarros. O Crispim saíra dos Isidoros; eu ambicionava saber jogar a espada. E o meu alto amor pela Vicência desapareceu um dia, insensivelmente, como uma flor que se perde na rua.

E os anos assim foram passando: pelas vésperas de Natal acendia-se um braseiro no refeitório, eu envergava o meu casacão forrado de baeta e ornado duma gola d’**astracã**; depois chegavam as andorinhas aos beirais do nosso telhado; e no oratório da titi, em lugar de camélias, vinham braçadas dos primeiros cravos vermelhos perfumar os pés d’ouro de Jesus; depois era o tempo dos banhos de

**E** Misericórdia é um hospital. Até hoje muita cidade do Brasil tem um hospital chamado Santa Casa de Misericórdia.

Padecer: sofrer.

A primeira moeda portuguesa era chamada só de “dinheiro”. Um treco podia ser comprado por, digamos, mil dinheiros. Dom João I acabou com aquilo e criou o “real” – com plural “réis”. Mil reais eram chamados de mil-réis e 1 conto de réis era 1 milhão de réis. Duzentos contos, então, eram 200 milhões de réis.

Lambisgoia: fofaqueiro, antipático.

Astracã: pele de cordeiro.



